

Apotropaios: proteção contra a maldição

Maria Regina Cândido

Abstract:

Amulets were in demand for every imaginable situation in life. The use of magic for protection and deliverance from diseases must have been widespread from the earliest times. A phylactery — comes from the Greek verb φυλάσσειν/ to protect — is a type of amulet used more specifically to protect an individual or community from some impending calamity or plague.

Em Atenas, como nas demais regiões da antigüidade, as populações celebravam cerimônias e utilizavam objetos especiais visando a proteção contra as adversidades e infortúnios. Quando a terra não dava frutos, epidemias atacavam os homens e o gado, as crianças nasciam pouco saudáveis e a região era assolada por conflitos e discórdias (W. Burkert, 1994:402), estes sinais eram concebidos como sendo insatisfação dos seres sobrenaturais, identificados como deuses ou mortos. Como estes acontecimentos envolviam toda a comunidade, o sacerdote reunia a população em torno do altar e celebrava ritos, sacrifícios e libações para apaziguar a animosidade das potências divinas. No caso dos infortúnios particulares, recorria-se a rituais de purificação e ao uso de objetos especiais de proteção individual visando afastar os maus fluidos.

Christopher A. Faraone nos fornece diversos objetos utilizados como proteção individual, tais como: amuletos¹, anéis profiláticos, cordões trançados amarrados no punho ou no tornozelo, cordão amarrado a pequenos metais circulares com inscrições. O autor acrescenta que os gregos faziam uso de uma variedade de meios para desviar a aproximação de infortúnios à sua residência e propriedade, aos portões e muros das cidade (C. A. Faraone, 1992:3). A presença das maldições nas tumbas indicava uma preocupação em protegê-las contra a ação dos inimigos.

Existem poderes que só trazem perigos e males e por este motivo devem ser afastados. Assinalamos como um destes perigos a ação dos profanadores de túmulos. Para combater a violação de sepultura na região do Cerâmico, os familiares do morto, recorriam ao uso de imprecações funerárias. Tal atitude podia ser entendida através do desenvolvimento da organização espacial de Atenas que teve como decorrência a separação entre o local da habitação e o recinto destinado aos mortos. Verificou-se que as tumbas multiplicaram-se ao longo das estradas principais que saíam da cidade (W. Burkert, 1994:374) pelo fato de ter sido estabelecido que os mortos deveriam abandonar a cidade longe da convivência dos vivos.

Catherine Salles afirma que em Atenas, o bairro mais célebre era o Cerâmico e a sua reputação na Antigüidade ligava-se tanto à produção de suas oficinas de cerâmica quanto aos prazeres oferecidos pelas prostitutas. Esta era a região do cemitério e onde se concentravam as casas de prostituição previstas pela legislação ateniense. A historiadora acrescenta que as prostitutas circulavam pelo Cerâmico, bem como nas áreas além dos muros do cemitério que se prolongavam para fora do perímetro central da *ásty* em alamedas cercadas por túmulos (C. Salles, 1987:passim).

A separação habitação — sepultura dificultou o acesso dos familiares ao túmulos de seus mortos, no sentido de evitar a profanação das tumbas. Determinados tipos de mortos associados a rituais específicos tornavam-se instrumentos principais para a ação de feiticeiros que visavam prejudicar um inimigo. Acreditamos que dentre estes profissionais da magia, que profanavam as sepulturas, estariam as prostitutas que circulavam durante à noite na região do Cerâmico,

A arqueologia nos indica um grande número de epigramas² com inscrições funerárias muito semelhantes ao modelo presente nos *defixios*. As inscrições nos epigramas funerários consistiam em desejar que o profanador morresse sem sepultura. Evocavam, semelhante aos *defixios*, as potências do mundo subterrâneo, como *Hades*, *Perséfone*, as *Erínias* e a deusa *Hécate* para amaldiçoar a família, a propriedade e toda a descendência do profanador de túmulos.

Louis Robert nos informa que a palavra *ασφαλῆ* encontrada em algumas sepulturas representaria uma evocação à vingança da divindade *Hécate Noturna*, de forma a despertar a cólera da deusa contra a ameaça dos violadores de tumba, assim como contra as investidas de algum inimigo, ou ladrões e/ou *vândalos* de propriedades alheias. A deusa *Hécate*, colocada nas entradas de propriedades e evocada em inscrições junto às tumbas, era representada com três cabeças, três pares de braços e armada, em cada mão, com uma tocha, uma faca e um chicote (L. Robert, 1990:22).

Além das maldições, as tumbas ficavam também sob a guarda de animais vingadores, porque sobre as estelas funerárias havia, freqüentemente, representações de animais relacionados à proteção dos mortos como serpentes, águias, cães e leões. Estes animais evidenciam a função de proteger o morto contra a ação dos profanadores de sepulturas (A. Bernard, 1991:3780).

Determinadas divindades gregas detinham a função de proteger propriedades e/ou regiões, seriam representadas pelas imagens apotropaicas destinadas a agir contra a ação dos inimigos e para desviar os infortúnios. Denominadas de *theoi prothýraioi* — *deuses antes da porta*³, estas imagens foram colocadas à entrada das residências privadas como guardiães. Atenas também fazia uso de guardiães localizados nas estradas e junto aos muros e pórticos como os *hermes*. Estes seriam estátuas de mármore colocados à frente das casas e recintos sagrados, tendo como atribuição proteger o caminho (Tucídides, VI,27). Segundo Heródoto, os atenienses foram os primeiros, entre os helenos, a construir estátuas de *Hermes* com o pênis ereto (Heródoto, II,51). A presença da exposição da genitália masculina simbolizava os atributos da força, fecundidade e proteção.

O uso do órgão sexual masculino, sozinho ou conectado à divindade como os *hermes*, significava um poder *apotropaico* de desviar e/ou dominar qualquer influência maligna como podemos observar nos escudos dos hoplitas. Devemos salientar que o modelo fálico de tamanho expressivo que aparece nas iconografias necessita da observação do contexto da representação e do suporte em que aparece. A observação de iconografias em que aparecem jovens mulheres prestando culto à imagem de *Hermes itifálico*⁴, indica a busca da fertilidade; enquanto que a presença de um efebo diante de *Hermes*, com falo ereto, presente nas *choés* significa a celebração de um rito de passagem da infância para a adolescência. A imagem do falo sozinho e com olho apresenta um especial poder *apotropaico* contra o mau olhar. Entretanto, o falo quando representado alado junto as figuras de mulheres nuas, o significado tange a esfera da satisfação sexual feminina, física ou imaginária, independente da figura masculina (J. Boardman, 1993:239).

As divindades ctônicas como *Hermes Itifálico* e a deusa *Hécate* que foram encontradas junto aos portões de Atenas e, principalmente, na interseção de três vias de acesso estariam relacionadas ao movimento de entrada e saída dos viajantes. O objetivo destas imagens *apotropaicas* era evitar os maus fluidos de quem chegasse e levar o prognóstico de boa viagem aos que partissem como nos evidência o epíteto de *Énodia* conferido a *Hécate* trícéfala que significava protetora das rotas de viagens (L. Robert, 1980:313).

C. A. Faraone acrescenta que a divindade *Hécate* tríplice seria uma divindade proveniente do período arcaico cujas referências tanto literárias

quanto epigráficas nos informam que a *hekataion* de protótipo trifforme era regular ocupante da entrada dos portões de Atenas (C.A.Faraone, 1992:8).

O termo *apotropaico* conferido às imagens acima mencionadas, deriva do verbo grego *apotrepein* — levar de volta ou desviar, e tem por adjetivo a palavra *APOTRÓPAIOS* que significa desviar o mal (A. F. Faraone, 1992:4). Como podemos observar qualquer imagem, objeto ou palavra investido de um poder *apotropaico* tinha por finalidade a proteção de quem o evocava. Deduzimos que a presença de imagens nas entradas das cidades, nos portões das residências e propriedades, assim como as imprecações nas sepulturas tinham como atributo de destaque o fato de *estar exposto em evidência* para que fossem vistos por qualquer pessoa. Isto porque o seu principal objetivo era combater o mau olhado, desviar o infortúnio, assustar os inimigos e evitar os poderes malignos dos sobrenaturais.

Os amuletos detêm tais atribuições e para a nossa pesquisa escolhemos analisar as imagens iconográficas de crianças portadoras de amuletos e que participavam do ritual das *Antestérias*⁵. Como suporte de tais informações, selecionamos as pequenas *Choés* cujos dados arqueológicos (S. P. Karouzou, 1946:132) evidenciam uma extensiva presença ao final do terceiro quartel do Vº século e início do IVº século. Muitas das *Choés* foram encontradas depositadas em sepulturas de crianças o que nos leva a pressupor que este fato estaria associado ao período da guerra do Peloponeso e ao surto epidêmico que assolou Atenas.

As *choés* eram recipientes que cada participante do ritual das *Antestérias* deveria portar para beber o vinho, após ter sido previamente misturado com água. A necessidade de cada cidadão beber no seu próprio recipiente, se devia a chegada de Orestes a Atenas para ser julgado no *Areópago*, justamente no primeiro dia da festividade. Devido à lei da hospitalidade, os atenienses não podiam deixar de recebê-lo e para evitar o contágio, devido ao miásmo que Orestes carregava por ter assassinado a mãe, os participantes evitaram beber o vinho na mesma cratera na qual beberia o matricida, sendo oferecido separadamente nas suas *oinochoés*, evitando deste modo qualquer risco de poluição.

Em Atenas, as imagens dos pequenos recipientes destinados a receber o vinho representam crianças nuas do sexo masculino, próximas de uma *trapézia* (pequena mesa) decorada e com doces e bolos e parecem brincar com bolas, pequenos animais e uma espécie de *go-cart*⁶. O fato de portarem pequenas *oinochoés* decoradas com fitas e flores indicam que as crianças estariam celebrando o segundo dia das *Antestérias*. Isto significa que as crianças, a partir de certa idade, também participavam das festividades e bebiam o vinho misturado com água como demonstração cultural.

O ritual das *Antestérias* para as crianças que completavam a idade de três anos significava a celebração de sua primeira participação numa cerimônia pública de grande extensão da qual fazia parte toda a comunidade *poliade*. Esta participação seria um rito de passagem em que a criança passaria da esfera familiar para um âmbito público. Através deste ritual, o pai reafirmava, junto aos demais cidadãos, o seu reconhecimento de ser a criança seu filho legítimo e com plena capacidade de aquisição da cidadania ao completar a idade de vinte e um anos.

De acordo com Semni P. Karouzou, existem muito poucas imitações do estilo de *choés* específica do Vº século ateniense, ou seja, figuras vermelhas com o tema de crianças portando amuletos. Nas demais regiões da Grécia como Beócia, sul da Itália, entre outras, as imagens das crianças são transferidas para as figuras dionisíacas com silenos e sátiros ou jovens diante do pilar de *hermes Itifálico* (S. P. Karouzou, 1946:130).

As crianças representadas nas *choés* usam no torso um cordão atravessado de forma diagonal, um amuleto denominado de *περιόμματα*. Acreditamos que este cordão deveria ser usado na criança desde o momento de seu nascimento, sendo aumentado gradualmente, de acordo com o seu crescimento. Isto porque há evidências iconográficas do uso destes amuletos em ocasiões fora do calendário festivo das *Antestérias*. O amuleto possui diferentes quantidades de pequenas lâminas esféricas de metal que poderiam ser de ouro, prata ou bronze. Continham inscrições gravadas cuja finalidade era proteger a criança contra as doenças e trazer bons fluídos como podemos observar nos seguintes dizeres⁷: *Εὐτύχι Ἀρσενέτη* — Seja Feliz, Aristénete (Inv. n.º 109); *Μεγάλη ἡ Τύχη Μαρχέλλη* — Grande é a fortuna de Marcela (Inv. n.º 459) e *Ἄγαθόνιχε ξήσαι* — Longa vida, Agathonikos (Inv. n.º 467).

Entretanto, existem outras inscrições nos amuletos cujos dizeres seguem a mesma fórmula dos tabletes de imprecações visto que as maldições presentes nas inscrições visavam evitar ou desviar a aproximação de qualquer desgraça como doenças, mal olhado e maldição de um inimigo. O nome da pessoa sobre quem o amuleto devia agir vinha no vocativo, seguido dos infortúnios a serem evitados ou levados de volta e permaneciam a evocação das divindades gregas e egípcias como *Afrodite, Iaô Sabaoth e Adonai* (L. Robert: 1990:27).

As imagens iconográficas permitem observar o uso de cordão trançado no punho e no tornozelo das crianças, denominado de *μάρπη*. Estes amuletos estariam relacionados ao ritual das *Antestérias* sendo usado por todas as crianças na idade de três a quatro anos. Havia também pequena variação de costume no uso destes amuletos relacionado à região. Em Ate-

nas, as crianças usavam o *μόρτη* durante todo o mês de março e no último dia seria cortado e lançado num poço de água.

Semni P. Karouzou nos informa que havia o costume de aguardar o nascer do sol do último domingo do mês de março para cortar o cordão dos punhos e tornozelos das crianças e queimá-lo numa pira acesa aos deuses; ou aguardavam o retorno das primeiras cegonhas ou andorinhas, cortavam os cordões e os colocavam numa árvore, próxima à residência, para que as aves fizessem seus ninhos (S. P. Karouzou, 1946:128). Dessa forma, os pais buscavam atrair para os filhos os bons auspícios para o ano seguinte e a criança havia sido protegida contra o contato com as *kéres*, ou seja, os mortos que vagavam no mundo dos vivos durante o ritual da *Antestérias*.

Ao analisarmos algumas *choés* e fragmentos, percebemos que grande parte dos *Corpora Vasorum Antiquorum* (C. V. A., 1943:46) nos informam que aquelas imagens seriam de crianças com a idade de três a quatro anos e que aquele ritual representava a sua primeira participação na festa das *Antestérias*. A criança era presenteada com a *xoiká*, um conjunto de brinquedos oferecidos por seu pai no segundo dia da festa do vinho novo, que consistia de uma *choés* individual para beber o vinho, uma espécie de coroa de guirlanda e um *go-cart*, tendo em vista que estava capacitada a ficar de pé, correr e empurrar o pequeno carro de duas rodas. Através das iconografias, observamos que as crianças, na sua primeira participação, recebiam os brinquedos acima mencionados e no ano seguinte seriam presenteadas com um animal de estimação.

O detalhe que nos chamou a atenção foi o fato de existirem *choés* e fragmentos com imagens de crianças que parecem ter menos de um ano de idade, pelo fato de engatinharem e com o detalhe de serem roliças como os bebês. Philostratus (Heroicus, frag. 12,2) afirmava que somente no terceiro ano de vida é que as crianças poderiam participar do ritual das *Antestérias*, idade em que estariam capacitadas para segurarem a *choés* e permanecerem de pé. Diante deste fato, concluímos que aqueles bebês presentes nas imagens seriam crianças falecidas antes de completarem a idade de três anos. A imagem da criança nas *choés*, seria uma lembrança de seu pai, um presente pós-morte marcando a idade em que a criança havia morrido, porque nos vasos os mortos eram representados com a idade em que haviam morrido (T. Rasmussen, 1991:127).

As escavações arqueológicas desde 1948, no espaço da Ágora ateniense, revelam a existência de um elevado número de sepultamentos no período do Vº século e, mencionam, inclusive, a existência de cremação de corpos de crianças nos quintais das residências (H. A. Thompson, 1949:216). As evidências indicam que tais residências permaneceram habitadas antes e depois da cremação o que se constitui de uma atitude atípica para o perfo-

do, tendo em vista que a organização *poliade* havia instituído que os mortos deveriam ser enterrados fora dos limites do espaço urbano. A informação de cremar os corpos das crianças nos quintais das residências situados na *Ágora* foram observadas através das oferendas funerárias encontradas nas tumbas. Isto nos leva a relacionar com o período de distúrbio social ocasionado pela guerra do Peloponeso. Tal distúrbio impossibilitava o sepultamento fora dos muros da região do Cerâmico, assim como a epidemia que parece ter vitimado muitas crianças em Atenas.

Num momento de crise social decorrente de guerras ou epidemias, a população ateniense deparou-se com novas situações que afetavam os costumes e as tradições. Como apresentamos acima, houve a impossibilidade de se executar os sepultamentos dos corpos das crianças no cemitério do Cerâmico, sendo estes enterrados nos quintais das residências. Dentre outros fatos ocorridos neste momento, mencionamos a presença dos cadáveres daquelas pessoas que morriam no interior dos templos. Sabemos que a tradição interditava que qualquer pessoa morresse no interior deste *téménos* sagrado. Tucídides nos relata que diante de uma situação avassaladora como a de Atenas neste período, os costumes até então observados em relação aos funerais, passaram a ser ignorados e cada um enterrava os seus mortos da maneira como podia (Tucídides, II, 52).

Neste período de atipicidade da *pólis*, podemos observar diferentes situações em que o cidadão teve a necessidade de transgredir as leis seculares estabelecidas pela tradição e é neste momento que a magia foi criticada como prática estrangeira ou bárbara. A prática da magia visava atingir e satisfazer os desejos individuais sobrepondo-se ao coletivo. Entretanto, a análise do uso de amuletos e de diferentes símbolos *apotropaico* aos quais os atenienses recorriam para se defenderem dos infortúnios, indicam que tais atitudes mágicas faziam parte da religião *poliade* e eram ratificadas pela população ateniense ao serem praticadas de maneira pública e, por vezes, com a participação do sacerdote. Tal fato pode ser observado através das maldições lançadas pelo oráculo délfico aos indivíduos que se instalassem nas imediações do Pelárgicon, no sopé da Acrópole (Tucídides, II, 17).

O nosso interesse pela análise dos amuletos e das maldições funerárias se deve ao fato de percebermos a utilização de palavras que visavam fazer mal ao inimigo e que estavam presentes nos *defixios*. Estes eram de uso exclusivo dos praticantes da magia e detinham uma reputação negativa por ser individual, praticada à noite, objetivando alcançar um interesse particular daqueles que cogitavam prejudicar um adversário.

O mais grave para a organização *poliade* era a prática mágica de subordinação dos mortos para atender os desejos dos vivos. Neste sentido a ação mágica se afastava dos preceitos *poliade*. Quanto ao costume do uso

de símbolos *apotropaicos*, ratificados pela tradição, percebemos que, por vezes, as práticas mágico-religiosas apresentavam-se de maneira sobreposta e interlaçada. Neste caso tornava-se quase impossível construir ou delimitar a separação entre a magia e a religião entre os atenienses.

Notas

¹ *Catalogue des Amulettes du Gabinet des Médailles*, Bibliothèque Nationale de Paris, Armand Delatte, 1913.; *Studies in magical amulets chiefly Graeco-Egyptian*, Campbell Bonner, 1950.

² *Themes in Greek and Latin epitaphs*, R.Lattimore, 1942 in: *Illinois Studies Épigraphie et Antiquités Grecques*, Louis Robert, 1990, p.2-44, in: *Opera Minora Selecta* – Amsterdam.

³ Os epítetos das divindades protetoras permitem definir o local a ser protegido: *Agyeus* — protege a rua; *Thyriaios* — a porta; *Prothyriaios* — antes da porta; *Propylaios* — antes do portão; *Prostaterios* — aquele que fica em pé em frente à porta; *Alexikakos* — aquele que protege contra o mal; *Apotropaaios* — aquele que desvia o mal. ver C.Faraone in *Talismans and Trojan Horses*, p. 9. Na comédia *As Vespas*, podemos observar a evocação aos protetores das entradas das casas, v. 875.

⁴ As imagens de *Hermes itifálico* como marcos protetores dos teménos e pintados nos vasos gregos, foram erigidos no território ático no período dos filhos de Psistratos (Heródoto).

⁵ O nome da festa *Antestérias* era associado ao florescimento da Primavera e do nome do mês primaveril do Antesterion. A festa estende-se por três dias, ou seja, *Pithoígia*, *Choés* e *Chýtroi* eram para beber do vinho e da comida cozinhada em panelas.

⁶ *Go-cart* termo utilizado pelos americanos para definir um brinquedo de criança muito comum nas iconografias das *choés*; este brinquedo consiste numa haste de madeira com duas pequenas rodas e era um presente do pai da criança que, aos três anos já tinha a capacidade de ficar de pé sozinha, podendo iniciar a sua participação no festival.

⁷ *Catalogo de Paris* por H.Seyrig, ver nota 1; ver Louis Robert, pag. 468, nota 13.